

EGN - 06

— A GUERRA ÁRABE-ISRAELENSE DE 1973 —

JOSÉ OSCAR BELLAS GALVÃO

Coronel

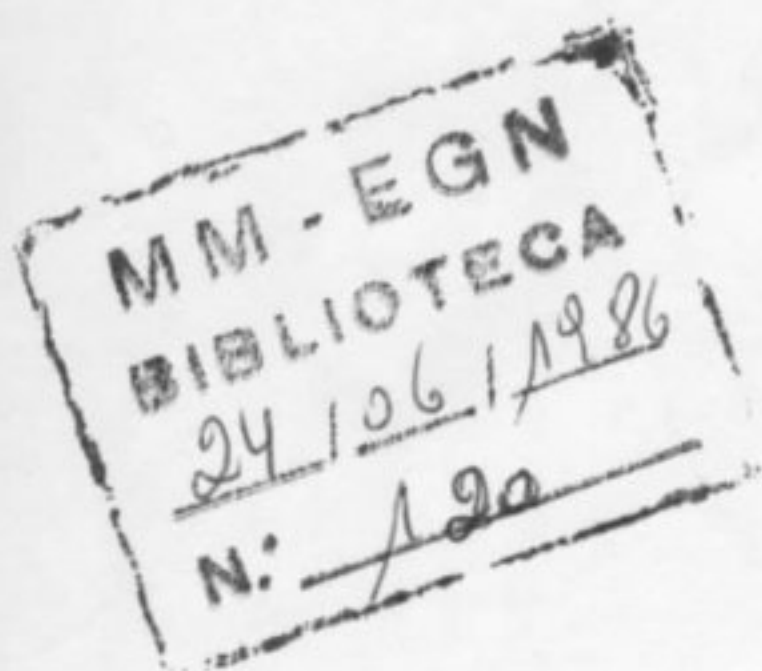
MINISTÉRIO DA MARINHA

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1 9 8 5



GN-00000719-1



CAO - 82880

EX: 104434



TEMA: A GUERRA ÁRABE-ISRAELENSE DE 1973

- TÓPICOS A ABORDAR:
- a) As divergências básicas de enfoque entre árabes e israelenses no período que vai da Guerra dos Seis Dias até 1973;
  - b) O conceito de operação, a conduta em combate e a fidelidade à missão por parte dos egípcios; correlacionar com as atitudes israelenses;
  - c) O peso das decisões das grandes potências no andamento das ações e as maiores consequências políticas daí decorrentes.

PROPOSIÇÃO: Apresentar, resumidamente, a situação anterior à irrupção da Guerra de Outubro de 1973, segundo uma compreensão egípcia e comparar com os pontos de vista de Israel;

Expor o conceito da operação segundo os egípcios e comparar a conduta egípcia durante a guerra com os israelenses segundo o planejamento, o cumprimento da missão e a fidelidade de execução;

Citar as ações das grandes potências (EUA e URSS) que influenciaram no controle da crise árabe-israelense analisando as consequências políticas advindas;

Concluir apresentando o quadro atual, segundo o ponto de vista do autor.



## I N T R O D U Ç Ã O

O autor teve a oportunidade de servir como oficial na Força de Emergência das Nações Unidas, nos idos de 1960, na Faixa de Gazah. O conhecimento do povo egípcio e dos problemas que afetavam aos palestinos, habitantes nos campos de refugiados na Faixa de Gazah, constituíram um embasamento para a meditação que a leitura dos livros sobre o diferendo árabe-israelense ocasionou.

A luta entre egípcios e israelenses remonta a correspondência troca da entre egípcios e hititas. De lá, em tempos tão recuados, nos chegam os ecos desta disputa pela ocupação da Palestina.

Nos tempos atuais os árabes tiveram esperança que os ingleses lhes concedessem a independência e a posse da Palestina. A história correu por outros caminhos e os israelenses conseguiram apossar-se das terras que hoje constituem o Estado de Israel.

Fizeram-no pela força, conquistaram o território de maneira épica mas conseguiram-no à custa dos árabes. Estes foram espoliados e seguidamente derrotados em 1948, 1956 e 1967. E de cada vez perderam território e prestígio.

O confronto em 1967 foi aquele que acarretou perdas territoriais para o Egito. E 1973 é a história do Egito de reaver os territórios perdidos e de lavar a humilhação das derrotas precedentes.

Em realidade não conseguiu uma vitória militar mas, como consequência da guerra, recuperou seus territórios e redimiou os árabes quanto a competência militar.

É sob esta ótica que foi apreciado o tema proposto.



*As divergências básicas de enfoque entre árabes e israelenses no período que vai da Guerra dos Seis Dias até 1973.*

A situação após 1967 - Ao terminar a Guerra dos Seis Dias, Israel havia destruído a capacidade militar dos estados árabes vizinhos. Egito, Síria, Transjordânia e Iraque tinham perdido a guerra.

A Síria perdeu o platô de Golan a leste, a Jordânia perdeu a margem direita do Jordão, a parte mais próspera do reino, e que tinha havido após a luta que se seguiu a criação do Estado de Israel em 1948.

Ao sul, o Egito sofreu aplastadora derrota. Suas Forças Armadas perderam o moderno equipamento soviético, sofrendo uma brutal regressão territorial quando Israel ocupou a Faixa de Gazah, e toda a península do Sinai. A "Fortaleza de Israel" dominou sessenta e cinco mil quilômetros quadrados havidos por conquista e que vinham se somar aos vinte mil quilômetros quadrados do Estado original.

As campanhas de 1948, 1956 e 1967 foram baseadas na concepção estratégica de expandir o território de Israel. Em 1967, a meu ver, Israel procurou obter pela força fronteiras seguras baseadas na extensão territorial e apoiadas em acidentes geográficos. Estas marcas proporcionaram, à Israel, vantagem de posição em relação a seus vizinhos porque já não existia a ameaça de seccionar o país.

A vitória foi de tal ordem que mudou o pensamento estratégico israelense. A profundidade conseguida com os territórios que conquistara com a Guerra dos Seis Dias deu ao Estado israelense uma opção estratégica. Todos os seus centros populacionais estavam distanciados das forças egípcias, mediava entre Israel e o Egito um deserto de duzentos e quarenta quilômetros de profundidade e uma barreira líquida de valor respeitável. (Canal de Suez).

Igualmente favorável era a situação frente à Jordânia que precisava montar um ataque com a transposição de um curso de água e combater ao longo de sessenta e cinco quilômetros através do Deserto da Judéia.

Frente à Síria, o controle das alturas de Golan favorecia à Israel



libertando as populações da Galiléia Setentrional do pesado bombardeio conduzido pelos sirios desde aquelas elevações.

Visão Israelense - A vista destes dois aspectos: a imensa superioridade das Forças Armadas de Israel em material, o nível tecnológico de seu pessoal e o afastamento da ameaça árabe com a expansão do território até as fronteiras apoiadas em obstáculos naturais e artificiais de vulto indicavam a mudança da mentalidade política de Israel. Não seria mais provável que adotasse uma estratégia ofensiva em caso de ser levado a outro combate contra os árabes. A iniciativa, se houvesse, não seria de Israel. As suas fronteiras de fato, não de direito, garantiam-lhe a almejada tranquilidade para voltar-se contra os palestinos e reduzir a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) a sua menor expressão.

A partir do fim da Guerra dos Seis Dias, Israel procurou manter o "status quo" não aceitando negociar a devolução dos territórios nem mesmo em troca da paz.

Enfoque árabe - Para os árabes a derrota na Guerra dos Seis Dias somava-se aos desastres de 1948 e 1956 agravando o ressentimento contra Israel. O problema dos refugiados palestinos tornara-se pior. Antes moravam em acampamento de refugiados em território árabe. Agora viviam em território controlado por Israel. A OLP fora desalojada de suas bases palestinas e refluíra para o Líbano e a Síria. Os árabes tinham em mão dois problemas: os refugiados palestinos e a existência de um estado expansionista que crescia sobre território árabe.

*Início  
Dignos* Derrotados nos campos de batalha procuraram os árabes obter uma solução política, mas a Israel não interessava ceder os seus ganhos territoriais mesmo a custa de uma paz negociada. Em consequência recusou todas as aberturas feitas pelo Egito ou pelos EEUU para negociar. A favor desta política de fatos consumados de impasse, Israel tinha por si os seguintes pontos:

a. as relações muito estreitas entre Estados Unidos e Israel que pareciam garantir o apoio norte-americano à política de Israel no Oriente Médio;



*crível*  
b. o mito da invencibilidade das Forças de Defesa de Israel frente às Forças Armadas Árabes angariado nos sucessivos conflitos ocorridos anteriormente;

c. a existência de fronteiras seguras que permitiam à Israel manobrar com suas forças próximo às cidades árabes e afastar de seu território os combates;

d. a comprovada incapacidade dos países árabes de pautarem a conduta política com unidade de pontos de vista; e

e. a convicção de que o despreparo cultural dos integrantes das Forças Armadas árabes os impediria de aproveitar a sofisticação dos armamentos de que poderiam dispor.

X      y A estratégia de Israel na conduta de sua política frente aos Estados árabes baseava-se na não resolução do diferendo e no procrastinar as negociações, a fim de não devolver os territórios conquistados. Neles executar uma colonização de substituição e de posição intensa. Com isto, israelizar a Cisjordânia e explorar o Sinai.

Sadat, o novo líder egípcio, prosseguiu o trabalho de Nasser reestruturando as Forças Armadas Egípcias. Reduziu os objetivos militares a serem alcançados. Reconheceu a incapacidade de recuperar o território egípcio perdido anteriormente apenas com uma ação militar. Admitiu, também, que só uma ação militar conseguiria superar o impasse de "nem guerra, nem paz" explorado por Israel e levar as superpotências a apoiar as negociações para superar o imobilismo diplomático. *Gise*

X      A política egípcia buscava um duplo efeito:

a. levar Israel a compreender que o estamento militar israelense era passível de ser vencido, que a força militar não iria impor a "Pax Israelensis" ao mundo árabe e que as conquistas territoriais não garantiam fronteiras seguras; e

b. forçar os Estados Unidos a obrigar Israel a evacuar os territórios árabes ocupados ou expor os interesses americanos no mundo árabe a um real perigo.



Divergências básicas - Israel queria manter os territórios conquistados, e não aceitava discutir os interesses da nação palestina. Contava com o respaldo político norte-americano e a boa vontade dos países da Europa Ocidental para manter esta atitude.

Os árabes não aceitavam as três derrotas sofridas, queriam recuperar os territórios e obter um lar para os palestinos.

Com tal divergência de objetivos somente uma decisão militar poderia mudar o panorama a favor dos árabes, em particular do Egito, o país líder entre os árabes vizinhos de Israel.

*O conceito de operação, a conduta em combate e a fidelidade à missão por parte dos egípcios correlacionando com as atitudes israelenses.*

A decisão política - A decisão de empregar o poder militar a fim de romper o impasse foi tomada por Sadat em novembro de 1972. Foi o último argumento para convencer Israel da futilidade de permanecer ocupando territórios árabes tomados pela força. Para retomar as hostilidades existiam dois caminhos:

- a. Retornar a Guerra de Desgaste; e
- b. Realizar uma operação ofensiva limitada.

A primeira alternativa já se provara incapaz de resolver o dilema de "nem paz nem guerra" e sujeitava o Egito a uma reação de Israel de amplitude e violência muito grande.

A segunda opção permitia realizar um ataque de iniciativa árabe e ao mesmo tempo tomar as medidas necessárias para deter e repelir a reação israelense ao ataque árabe.

Optou-se pelo segundo caminho, realizando-se uma operação conjunta (Egito e Síria), com o propósito de mudar o equilíbrio da balança do poder político e militar na área. Isto permitia criar uma via para o uso subsequente de outros aspectos do poder árabe (comércio de petróleo, uso da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, intervenção das superpotências na área).



A decisão política foi transformada em concepção militar pelo Estado-Maior das Forças Armadas Egípcias. O objetivo militar era "destruir as forças armadas de Israel desdobradas no Sinai e no planalto sírio e assegurar a posse de áreas que permitissem a liberação de todos os territórios ocupados, a fim de impor uma solução justa e pacífica do problema."

Israel possuía como vantagens a superioridade aérea e a possibilidade de ser ressuprido pelos Estados Unidos imediatamente. E o Egito contava com o apoio político internacional, a capacidade de sua infantaria para realizar operações defensivas e defesa anti-aérea na zona do canal provida pelo sistema de mísseis superfície-ar fornecidos pelos soviéticos.

As desvantagens de Israel consistiam em suas longas linhas de comunicações, a incapacidade de sustentar uma guerra prolongada sem auxílio externo, a sensibilidade social a grandes perdas de pessoal.

O conceito da operação - Como consequência da decisão política e dos fatos acima assinalados, o Gen Ahmed Ismail Ali estabeleceu o conceito da operação:

"empreender uma ofensiva limitada, para estabelecer uma cabeça-de-ponte sobre o Canal de Suez".

O plano egípcio tinha como objetivos:

- a. Invalidar a superioridade aérea israelense utilizando um sistema de defesa anti-aérea (DAAe) moderno e eficiente.
- b. Surpreender Israel e evitar o ataque preventivo.
- c. Impedir a realização de contra-ataques blindados maciços no início da operação.
- d. Bloquear Bab-el-Mandeb para invalidar o controle por Israel de Sharm-el-Sheikh.
- e. Suplantar as vantagens israelenses de uma defesa baseada em obstáculos.

Para alcançar estes objetivos, os egípcios deveriam atacar em toda a extensão da fronteira (cento e setenta e cinco quilômetros) e limitar a



profundidade de penetração na margem leste até o alcance da cobertura do sistema DAAe (dez a quinze quilômetros). Esta ofensiva geral obrigaria os israelenses a dispersar seus ataques aéreos enfraquecendo os seus efeitos e impedindo de concentrar esforços sobre o ataque principal. Isto retardaria e confundiria os contra-ataques das forças de terra de Israel.

O exército egípcio deveria estar em condições de prosseguir para leste além da cabeça-de-ponte conquistada.

Os cinco objetivos do plano egípcio foram alcançados em sua completa extensão. Em seis de outubro Israel foi completamente surpreendido pela ofensiva simultânea em Golan e no canal de Suez e o Egito conquistara os seus objetivos.

O planejamento e a execução egípcia da operação Badr fora coroado de êxito, mas agora não existia nada preparado para prosseguir uma operação ofensiva. No entanto, a dimensão do êxito inicial e a reversão ocorrida na frente síria influíram para que se exigisse um novo lance ofensivo egípcio. Os árabes faltos de cobertura aérea e sem estarem preparados para este desdobramento do planejamento inicial foram batidos e retornaram às posições guarnecidas na margem leste do canal, sofrendo a pressão israelense.

O êxito de Israel em transpor o canal na junção entre os Terceiro e Segundo Exércitos Egípcios e a ameaça de cerco do Terceiro Exército, conduziram à intervenção das superpotências. Com esta intervenção foi estabelecido um cessar-fogo e iniciaram-se as tratativas políticas.

A fidelidade à missão e a conduta em combate - A primeira operação (ataque simultâneo em duas frentes, transposição de um obstáculo aquático, estabelecimento de uma cabeça-de-ponte de grande amplitude e profundidade aceitável) foi realizada com uma precisão exemplar.

A mudança do curso das operações na frente síria obrigou o Egito a realizar uma ação ofensiva contrariando todas as premissas estabelecidas nos estudos do Estado-Maior Egípcio. A falta de cobertura do sistema DAAe obrigou ao emprego da Força Aérea em apoio aos blindados o que expôs, tanto os aviões como os blindados, a derrota frente à Israel.



O deslocamento do exército blindado egípcio para a margem leste do Canal deixou sem reservas o território egípcio na África. A pior consequência foi a falta de meios para contra-atacar a cabeça-de-ponte de pára-quedistas israelenses na retaguarda do Terceiro Exército após o dia dezes seis.

Correlações - Os egípcios tinham um plano para obter ganhos políticos através uma ação militar e procuraram realizá-lo à risca. As mudanças ocorridas foram consequência dos desdobramentos advindos do fracasso sírio no Golan.

Os israelenses após o êxito no Golan e na batalha no Sinai puderam retomar a iniciativa procurando recuperar o terreno perdido, a fim de poder negociar em melhores condições após o cessar-fogo.

Tanto egípcios como israelenses mostraram profunda fidelidade à missão, mas a conduta em combate diferiu. Enquanto os árabes mostraram uma infantaria de primeira água (disciplinada, muito bem treinada, tenaz e de notável destemor) a infantaria israelense pecou pela pouca disciplina e falta de treinamento. As causas têm origens diferentes. No caso egípcio prende-se ao fato que a transposição do canal e a conquista da linha Bar Lev teria que ser obra de infantaria. A infantaria israelense pagou o tributo a ênfase concedida aos blindados após o êxito em 1967.

O conceito de operação egípcio-árabe foi consentâneo com os objetivos políticos e foi aplicado com os meios existentes de maneira conscienciosa na primeira fase. Israel não dispunha dos meios adequados a conduzir uma operação defensiva em posição.

*O peso das decisões das grandes potências no andamento das ações e as consequências políticas daí decorrentes.*

Apreciação - Nem os EUA, nem a URSS desejavam uma guerra no Oriente Médio. Os primeiros procuravam no campo externo saírem do Vietnam e retomarem o diálogo com a China, e no campo interno, dois fatos ocorriam sucessivamente a reeleição de Nixon e o Watergate. Assim um conflito entre Israel e seus vizinhos era indesejável.



A União Soviética não podia admitir uma nova derrota árabe e acreditava que eles seriam vencidos. Este fato reduziria ainda mais a desejada penetração no Terceiro Mundo. Acresça-se a isto que a detente era uma realidade e o agravamento de tensões não era desejável para o Kremlin.

A decisão dos árabes surpreendeu ambas as potências e já no dia sete a URSS propunha um cessar-fogo em nome do Egito e que este desconhecia. A oito era a vez de Kissinger falar sobre isto em nome dos EUA. As propostas se sucederam até o efetivo cessar-fogo em vinte e oito de outubro.

Decisões das grandes potências - A seis e a nove a URSS lança dois satélites de observação da série COSMOS para vigiar o Oriente Médio. Os EUA empregam aviões SR71 baseados inicialmente em território norte-americano, depois no Irã e por fim no Chipre. Este último evento após criar atrito com o Reino Unido.

O mundo tomou conhecimento que as atividades na superfície do globo são monitoradas pelas duas superpotências. As consequências desta constatação ainda estão afetando a política aero-espacial de muitos países.

Os EUA iniciam, a treze, a ponte aérea retirando material dos seus depósitos no continente norte-americano e na Europa. Neste último, o material foi embarcado sem informar aos seus parceiros. Não obtiveram facilidades de trânsito na Europa, mas utilizaram as bases em território português sem permissão para apoiar a ponte aérea para Israel. Utilizaram também, os navios da Sexta Frota para abastecer Israel.

A União Soviética inicia o ressuprimento da Síria e do Egito a partir do dia nove. Para isto utiliza ponte aérea e transporte marítimo.

O consumo de material em vinte e dois dias levou os EUA, a URSS e os aliados de ambos a refazerem seus cálculos quanto a necessidade de armazenagem de material para sustentar um conflito com os meios atuais.

Os países árabes produtores de petróleo utilizaram-no como arma política e com isto inibiram qualquer apoio dos países importadores de petróleo à Israel. As consequências desta primeira crise do petróleo vai conduzir os países industrializados a uma posição mais favorável aos arábes e maior isolamento de Israel. O desdobramento final será uma ali



nhamento econômico em que, a meu ver, os países árabes produtores de petróleo serão isolados e inviabilizados em seu desenvolvimento econômico pela ação dos EUA e seus parceiros da Europa.

O interesse norte-americano é o retorno aos "status quo ante bellum", o interesse soviético é a desocupação por Israel dos territórios árabes. A solução alcançada é um meio termo. Os norte-americanos não querem forças soviéticas no Oriente Médio e, em consequência, as tropas da Força de Emergência das Nações Unidas (FENU) vão se interpor, mais uma vez, entre árabes e israelenses para fazer observar as condições do cessar-fogo acordado.

A resolução 339 da ONU consubstancia a decisão das duas superpotências sobre o cessar-fogo e exclui as forças soviéticas e norte-americanas da FENU.

*O quadro atual segundo o ponto de vista do autor.*

A minha apreciação do quadro atual é que na guerra não houve vencedores nem vencedores, mas politicamente não foi assim.

O Egito logrou êxito e conquistou seus objetivos políticos:

- a. Romper o impasse de "nem guerra, nem paz" criado por Israel;
- b. Levar à mesa de negociações os EUA e Israel;
- c. Recuperar a imagem de suas Forças Armadas junto aos árabes;
- d. Ter de volta seu território a leste do canal.

Israel conseguiu:

- a. Manter o Golan, a Cisjordânia e a faixa de Gazah essenciais a unidade territorial do Grande Israel;
- b. Conseguir a livre navegação no Golfo de Aqaba, no Mar Vermelho e no canal de Suez;
- c. Assinar a paz com o Egito, quebrar o monolitismo árabe em não reconhecer a existência de Israel;
- d. Entregar uma área desértica que serve como tampão e que, quer pa



ra um, quer para outro, agrava os problemas logísticos para quem o ocupa em caso de guerra.

Os EUA conseguiram:

- a. Evitar a presença soviética na área;
- b. Tornar-se o garante <sup>vidor</sup> da paz egípcio-israelense solidificando a sua presença no mundo árabe;
- c. Demonstrar o peso de seu eficiente sistema de informações e de transporte para influir na conduta das operações.

Os sírios, os palestinos nada conseguiram. Lutaram, mais uma vez, e o esforço revelou-se inútil. Os sírios não tem o Golan, os palestinos continuam sem a pátria prometida a eles em 1918.

E a URSS, que rearmou egípcios e sírios, não conseguiu firmar um pé no Oriente Médio. Este continua a ser basicamente controlado pelos EUA.

*A URSS perdeu influência*

## B I B L I O G R A F I A

1. ABOU GHAZALA, Mohamed Abdel Halim. A transposição do Canal de Suez. Military Review, Fort Leavenworth, 60(1):2-7, 1980.
2. EL BADRI, Hassan et alii. The Ramadan War 1973. Dunn Loring, Va, T.N. Dupuy Associates, 1978.
3. HERZOG, Chaim. A Guerra do Yom Kippur. Rio, Biblioteca do Exército, 1977.
4. O'BALLANCE, Edgar. No Victor, No Vanquished, The Yon Kippur War. San Rafael, Cal, Presidio Press, 1978.
5. ROTHENBERG, Gunther E. The anatomy of the israeli army. New York, NY, Hippocrene Books, 1979.
6. WAKEBRIDGE, Charles. A solução egípcia. Military Review, Fort Leavenworth, 55(3):3-12, Mar 1975.
7. WELLER, Jack. Os blindados no Oriente Médio. Military Review, Fort Leavenworth, 56(5):51-66, Mai 1976.





00007160000120

A Guerra Arabe-Israelense de 197  
1-A-66

1-A-66

AVULSO

Este livro deve ser devolvido na  
última data carimbada

|             |  |  |  |
|-------------|--|--|--|
| 5 MAI 87    |  |  |  |
| 29 ABR 88   |  |  |  |
| 17 JUN 88   |  |  |  |
| 11 ABR 89   |  |  |  |
| 14 MAI 1993 |  |  |  |
| 25 MAI 1993 |  |  |  |
| 25 MAI 1994 |  |  |  |
| 26 MAI 1994 |  |  |  |
| 26 ABR 1995 |  |  |  |
| 19 MAI 1995 |  |  |  |
| 08 MAI 1996 |  |  |  |
| 22 MAI 1998 |  |  |  |
| 25 AGO 1998 |  |  |  |
| 08 NOV 1998 |  |  |  |
|             |  |  |  |
|             |  |  |  |

EGN 145

Departamento de Imprensa Nacional —

MINISTÉRIO DA MARINHA  
ESCOLA DE GUERRA NAVAL  
Biblioteca

Galvão, Jose Oscar Bellas

A guerra Árabe-Israelense de 1  
973

1-A-66

(120/86)



## A guerra Árabe-Israelense de 1973

1-A-66

(120/86)

5 MAI 87

29 ABR 88

17 JUN 88

11 ABR 89

5 MAR 93

14 MAI 1993

25 MAI 1993

25 MAI 1994

26 MAI 1994

26 ABR 1995

19 MAI 1995

08 MAI 1996

RODRIGUES  
CMG (11-1)

CMG VALGAS LOBO

DEC(EM) CAMITH

CT(FN) Arquimedes

CMG BOMPET

CC L. CARVALHO

CC R. ROSSI

CMG. ADIR

CMG. MENDES

CC(1M) Sany

CMG ANDERSON

'STINGRAY' 16

RETIROU EM

NOME DO LEITOR

22 MAI 1998 CC PEDRETI

25 AGO 1998 LUIS MARIN

08 NOV 1998 CC CLAUDIO PEDRETI